

FASCISMO ON THE AIR **ESTUDOS FRANKFURTIANOS** **SOBRE O AGITADOR FASCISTA**

IRAY CARONE

Os estudos do fascismo latente contidos na obra coletiva *A Personalidade Autoritária* (1950), na qual Theodor W. Adorno teve participação fundamental e que se tornou uma das referências clássicas da atividade da Escola de Frankfurt no seu exílio norte-americano, foram precedidos por pesquisas sobre ativistas políticos de extrema direita nos Estados Unidos da América do Norte, realizadas de modo independente por Adorno, Leo Lowenthal e Norbert Guterman nos anos 30 e 40. De modo geral, consistiram em coleta e análise de conteúdo de discursos radiofônicos e escritos panfletários de agitadores fascistas que encabeçavam alguns movimentos sociais, divulgando suas idéias em periódicos, tais como *The Defender*, *The Broom*, *Patriotic Research Bureau*, *America in Danger!*, *Liberation*, *Social Justice*, *X-Ray*, *America Preferred*, etc. Tais panfletos expressavam, de modo disfarçado, idéias e posições favoráveis ao fascismo europeu e contra os judeus, comunistas e radicais de esquerda da América do Norte. Esses estudos foram financiados pelo Instituto de Pesquisa Social da Escola de Frankfurt e pelo departamento científico do Comitê Judaico-Americano. Os resultados desses estudos se encontram em escritos de Th. W. Adorno, Leo Lowenthal e Norbert Guterman.

Adorno se dedicou exclusivamente à análise dos discursos radiofônicos do pastor Martin Luther Thomas, referente ao período de maio de 1934 a julho de 1935. Leo Lowenthal e Guterman estudaram principalmente os textos panfletários de Ascher, Coughlin, Leon De Aryan, Elisabeth Dilling, Charles Bartlett Hudson, Joseph P. Kamp, Joseph E. McWilliams, Carl H. Mote, William Dudley Policy, E.N. Sanctuary, Gerald L. K. Smith, Gerald B. Winrod, etc.

Convencionalmente falando, os agitadores de direita eram tidos como “agentes estrangeiros” ou cópias de um modelo estranho à democra-

cia norte-americana. No entanto, não só gozavam de popularidade como eram financiados por uma audiência cativa dos seus programas de rádio e/ou por leitores dos periódicos que publicavam.

A técnica de *análise de conteúdo* ou a *análise qualitativa* dos discursos e escritos desses agitadores fascistas, de antes e durante a Segunda Grande Guerra, foi feita com a ajuda da psicanálise, pois os autores se puseram a descobrir os rastros de *conteúdos latentes* nos *conteúdos manifestos* das elocuições. Essa é a razão pela qual na análise são freqüentemente utilizados conceitos como projeção, racionalização, paranóia, masoquismo, sadismo, desejo de destruição ou destrutividade, idealização. A busca por elementos inconscientes nos discursos e escritos dos agitadores partiu do suposto básico da existência de conflitos recalcados que os levavam a se sentir ameaçados externamente pelas minorias étnicas, políticas e culturais (judeus, negros, comunistas, intelectuais radicais, etc.), de modo que as características do objeto da discriminação eram, de fato, menos importantes que as características subjetivas dos próprios agitadores. Tal como na sintomatologia da paranóia, a ameaça externa sentida pelos sujeitos poderia estar vinculada a uma ameaça interna resultante de conflitos inconscientes projetados para fora. Em outras palavras: *a discriminação enquanto comportamento político fascista estaria muito mais na dependência da psicologia do discriminador do que das características dos alvos da discriminação.*

Além disso, o estudo sobre os agitadores exigiu a apreensão das técnicas psicológicas por eles utilizadas para a manipulação das massas, que Adorno (1985) denominou “psicanálise às avessas”. A propaganda das idéias fascistas era (e ainda é) um apelo ao inconsciente por meio de técnicas capazes de promover tanto a idealização dos seus líderes como a suspeita paranóica sobre os *out-groups* por parte dos destinatários. Essas técnicas eram artifícios retóricos (*tricks* ou *devices*) empregados de modo repetitivo e padronizado nos discursos e escritos dos agitadores, dotados de alto poder persuasivo para a sua audiência, embora fossem, de fato, meros disparates discursivos e mentiras evidentes. No entanto, *funcionavam*: estabeleciam aquilo que se poderia chamar de *comunicação entre inconscientes*. Eram comuns, nesses discursos e elocuições, as representações do líder como “pequeno grande homem”, “mártir pela causa do povo norte-americano”, “lobo solitário”, “inocente perseguido”, “homem carismático”, etc. Os alvos discriminatórios, por sua vez, eram representados como “inimigos do povo norte-americano”, “parasitas da economia”, “homens sem pátria e sem patriotismo”, “conspiradores”, etc.

Em que consistiam, pois, as técnicas psicológicas dos agitadores para a manipulação das massas? Quais os elementos inconscientes ou latentes de seus discursos e escritos? Quais as técnicas utilizadas pelos frankfurtianos para realizar a análise de conteúdo desses discursos e escritos?

AS TÉCNICAS PSICOLÓGICAS DE M. LUTHER THOMAS

Embora ignorado pelos livros de historia norte-americana, Martin Luther Thomas alcançou boa audiência na costa Oeste dos Estados Unidos, durante os anos 30. As suas palestras radiofônicas foram tomadas como objeto de análise qualitativa por Adorno. O ensaio intitulado “As técnicas psicológicas dos discursos radiofônicos de Martin Luther Thomas”, de apenas 141 páginas, é um dos melhores exemplos de análise qualitativa da teoria crítica de Adorno, cujo objetivo foi a descoberta da forma pela qual o discurso fascista é construído de modo a atingir o inconsciente do seu destinatário. Nesse sentido, a forma desse discurso não é dissociada do conteúdo, mas parte dele: é a forma-conteúdo. Dessa maneira, a análise de conteúdo é, no sentido adorniano, a análise de uma matéria social dotada de forma imanente específica, que cumpre uma função social e psicológica.

O ensaio referido contém quatro partes, que contemplam a *auto-caracterização* ou *auto-imagem* do agitador; o seu *método psicológico* de atingir carências, ressentimentos, medos e rancores dos destinatários; o *médium religioso* do fascismo norte-americano e o *engodo ideológico* contido nas suas elocuições. Essas partes, em conjunto, exemplificam os recursos adornianos para desnudar com ajuda da psicanálise, o conteúdo latente, dos conteúdos manifestos das elocuições do pastor Martin Luther Thomas. Servem, também, para uma compreensão histórica das características psico-sociais do fascismo norte-americano no período que antecedeu à Segunda Grande Guerra e durante a sua eclosão na Europa. São muitas as comparações estabelecidas por Adorno entre os clichês e *slogans* de Thomas e aqueles utilizados por Hitler e outros nazistas. No entanto, essas comparações não perderam de vista as diferenças culturais e políticas entre os fascistas norte-americanos e os nazistas alemães – a principal delas é a *religião* como meio de difusão de idéias totalitárias de direita nos Estados Unidos, de modo a evitar um confronto direto com a democracia do país. O anti-semitismo, por sua vez, nunca é declarado (de modo diferente ao da Alemanha nazista) mas suposto e disfarçado através de imagens tiradas do próprio Novo Testamento. O ataque

direto, no entanto, é dirigido aos comunistas e radicais de esquerda, aos tradicionais “inimigos do povo”, vistos como ameaças externas ou internas à democracia norte-americana. Outro alvo dos ataques diretos é constituído pelos intelectuais, quer como representantes das idéias esquerdistas quer como representantes da influência judaica na cultura. O fascismo norte-americano sempre se caracterizou pelo seu anti-intelectualismo ou filisteísmo, dirigindo-se às pessoas de baixa classe média (com pouca escolaridade), aos sujeitos de meia-idade ou idosos com profundas convicções religiosas de caráter fundamentalista ou sectário.

Uma das questões mais intrigantes, nessa comunicação entre o agitador e os destinatários, foi a do seu invólucro religioso: como é que o cristianismo, enquanto doutrina igualitarista do amor universal, esteve a serviço da “religião do ódio” da prática fascista? Não haveria aí uma contradição difícil de ser engolida ?

Neste caso, a combinação entre fascismo e cristianismo não se deu no nível de conteúdo doutrinário, pois o fascismo é muito mais uma prática política com características bem definidas do que uma “filosofia”.

O uso da religião para propósitos fascistas e a perversão da religião em um instrumento da propaganda do ódio, não obstante determinar o apelo principal e a marca registrada de Thomas, não é de modo algum um fenômeno excepcional. Inúmeras tendências espiritualistas nas nossas sociedades atuais apontam na direção do estabelecimento de alguma espécie de regime totalitário. Qualquer matiz de ideologia pré-fascista, religiosa ou de livre-pensamento, nacionalista ou pacifista, elitista ou populista, poderá ser tragado pela corrente totalitária, não importando as inconsistências desse agrupamento. A racionalidade fascista consiste muito mais no estabelecimento de um sistema onipotente de poder do que no respeito a algum tipo de “filosofia”. Assim a importância do conteúdo dogmático do *médium* religioso como tal não importa muito. (Adorno 1975, p. 86-87)

Mas é preciso pontuar, também, que o fenômeno específico de anti-semitismo está muito mais enraizado no cristianismo do que parece. Embora o anti-semita seja, com frequência, não-misericordioso, cínico, calculista e com pouca fé em Cristo ou em qualquer outra figura humanista, não é menos verdadeiro que:

As idéias anti-semíticas, que formam a ponta de lança do fascismo em qualquer lugar do mundo, não poderiam exercer tanta atração se não possuíssem as suas mais poderosas fontes dentro e não fora da civilização cristã. É desnecessário enfatizar o papel desempenhado pelas imagens de assassinos de Cristo, fariseus, vendilhões do templo de Deus, do judeu que perdeu a sua salvação por negar a Deus e não aceitar o batismo. (Adorno, 1975, p.87)

A “arte” ou a técnica de Martin Luther Thomas consistiu em aproveitar esses veios do cristianismo para manipulações psicológicas de um determinado tipo de audiência, em prol de suas idéias totalitárias – ou seja, a religião para a defesa de motivações não religiosas.

Um primeiro momento das técnicas de manipulação de Thomas, destacado por Adorno, foi o de desenhar o seu auto-retrato de modo a ganhar a confiança, a aproximação e a adesão de sua audiência no rádio:

Martin Luther Thomas está totalmente familiarizado com a técnica hitleriana através de sua filiação a Deatheradge, Henry Allen e Mrs. Fry. Ele sabe tudo a respeito da manipulação de seu próprio ego para os propósitos propagandísticos e tem adaptado com muito habilidade a técnica hitleriana de revelação e confissão para a cena americana e para as necessidades emocionais do grupo ao qual ele pessoalmente se dirige – os de meia-idade ou idosos, pessoas de baixa classe média de origem religiosa fundamentalista ou sectária. (Adorno, 1975, p. 13-14)

Ele se apresentou a esse público como um *lobo solitário*: tal como Hitler, que se apresentava como alguém sozinho (embora junto com sete “heróicos camaradas”) para enfrentar os *outros*, que supostamente controlavam os jornais, rádios, etc., Thomas repetia com insistência que não possuía patrocinadores nem políticos profissionais que o financiassem, projetando assim a imagem de um homem solitário, espontâneo, corajoso e íntegro, tão carente de recursos e meios materiais como aqueles a quem se dirigia.

A função psicológica dessa imagem era a de provocar a aproximação dos pobre-diabos (*underdogs*) da sociedade, aproveitando-se de sua proverbial desconfiança contra os ricos e os políticos profissionais. Mas, na verdade, deixava na obscuridade o fato de estar usando um meio ou canal de comunicação controlado por uma organização monopolista e econômica. A manipulação da audiência tinha uma função psicológica que não

podia ser subestimada pela análise: “Sob as condições sociais presentes, as pessoas não apenas temem a manipulação, mas também e de modo contraditório, a desejam, pela liderança daqueles que supõem serem fortes e capazes de protegê-las”(Adorno 1975, p.15). Em outras palavras, quanto mais o poder se concentrava nas agências econômicas e nos indivíduos que controlam os canais de comunicação, maior se torna o desejo das pessoas excluídas de serem manipuladas passivamente.

Outra parte da construção dessa imagem de Thomas para a audiência consistia em exibir e também recomendar a liberação emocional. Ele reiterou, em muitas ocasiões, que “quase chorou” quando recebeu uma contribuição de 50 cents de uma pobre e velha viúva, abandonando qualquer atitude de “dignidade”. Embora esse artifício de simulação de espontaneidade emocional se devesse à sua atitude religiosa – a de pertencer à renovação evangélica, em contraste com a igreja presbiteriana oficial – Thomas queria, de fato, que os seus ouvintes imitassem o seu modelo:

Quanto mais as barreiras do auto-controle dos seus ouvintes fossem quebradas pelo incentivo do orador, mais facilmente estavam sujeitos à sua própria vontade do que a deles mesmos, e a seguir-lo cegamente para onde desejasse ir. (Adorno 1975, p.17)

A técnica de provocar a liberação emocional (*emotional release*) se apoiava na falta de gratificação emocional de uma sociedade industrial, concedendo às pessoas uma satisfação substituta e irracional àquelas que são, de fato, negadas pelas suas circunstâncias econômicas e sociais. Assim, quando Thomas incitava a audiência a se maravilhar com o clima, com a paisagem californiana, com as flores em botão, etc., ele a distraía de seus reais problemas. Baseava-se, portanto, no desejo ou predisposição psicológica da audiência em dar vazão emocional às frustrações impostas pela vida social, abandonando a rigidez do auto-controle até chegar à histeria como forma extrema de emocionalismo. Em última análise, essas gratificações irracionais eram espúrias porque conduziam à regressão do eu à imersão no coletivo, à substituição de reais satisfações do desejo.

Por essa razão, Thomas fazia referências negativas ao autocontrole e ao estoicismo, que são partes da atitude do indivíduo independente da era liberal da competição livre: “Este estoicismo é parte da atitude independente do indivíduo na era da livre concorrência A força para se controlar reflete a força para competir com os outros e se determinar eco-

nomicamente assim como controlar psicologicamente o próprio destino”. (Adorno 1975, p. 19)

O abandono do autocontrole representava o abandono do desejo de ser um *indivíduo*, no sentido tradicional de uma unidade auto-sustentável e auto-controlável, e se deixar guiar pelos “outros”, seus supostos protetores, e submergir no eu coletivo.

Parte desse auto-retrato consistia em se apresentar como um *inocente perseguido*, como alguém que respondia a um chamado de Deus, sem qualquer referência à sua origem política, à sua erudição ou quaisquer traços que o pudessem qualificar como um líder político – ou seja, uma tela vazia (*empty frame*) que poderia ser preenchida pelas mais contraditórias concepções de seus ouvintes. Ele poderia ser imaginado como um pastor humano e benevolente, ou um soldado temerário, ou um ser humano emotivo, ou um astuto homem da vida prática, ou um agudo observador que conhecia todas as estórias escondidas e dúbias da sociedade e, finalmente, como uma alma pura que clamava no deserto.

No entanto, alguns traços específicos eram representados nos seus discursos: a de um caráter altruísta e irrepreensível que, justamente por causa de suas altas qualidades morais, estava sempre sujeito a perseguições ou conspirações de seus inimigos (ele sempre se referia ao perigo de ser envenenado ou ter a sua igreja queimada pelos inimigos). Essa mesma técnica foi utilizada pelos nazistas para justificar a criação da violenta SS – a guarda protetora dos líderes – cuja história é bem conhecida:

O artifício do inocente perseguido serve a um duplo propósito. Primeiro, interpretava o perigo para o líder como um perigo para todos e racionalizar a agressividade sob o disfarce da autodefesaO exemplo mais notável deste ardil é dado pela desculpa do pastor Coughlin, se referindo a ele em termos de um “mecanismo de autodefesa”. Ele é emprestado da política. Desde que César atacou os gauleses semi-selvagens com seu exército altamente treinado e justificou a sua guerra de conquista como uma consequência de medidas protetoras absolutamente necessárias, a agressão militar tem sido chamada de defesa. O fascismo, com a sua afinidade intrínseca aos padrões de comportamento imperialista, adaptou, pela primeira vez, este artifício ao propósito da política doméstica e mesmo para a construção de ideologias a serviço de ações individuais (Adorno, 1975, p. 21-22)

O aspecto psicológico imanente a essa construção ideológica, que converte o agressor em vítima ameaçada e a vítima em agressor, consiste em estimular e justificar a violência contra os *out-groups*, neles projetando o que deles se imagina. Essa projeção, no entanto, pode ser cinicamente planejada pelos líderes fascistas pela racionalização da violência como mecanismo de defesa.

Além disso, outro recurso retórico utilizado por Thomas para construir a sua auto-imagem era o de se apresentar como um *homem infatigável* na luta pela sua “honesta” e “pura” causa, a sua “cruzada” contra os comunistas e radicais de esquerda, atribuindo aos inimigos a mesma infatigabilidade. Ele dizia que lia centenas de cartas por dia, que o seu cabelo tinha se acinzentado por causa de esforços contínuos, que gastava toda a sua energia na luta contra os bolchevistas, *porque eles também não cessavam de trabalhar pela subversão do país*, etc. A infatigabilidade foi, também, um grande tema do regime nazista – a *Alemanha vigilante e desperta*:

Sob o fascismo, psicologicamente, a ninguém é permitido dormir – uma das torturas preferidas, aplicadas pelos governos autoritários às suas vítimas, é do seu sono ser a toda hora interrompido até que os seus nervos entrem em colapso. O ódio fascista ao sono – no sentido mais amplo de deixar alguém a sós – é refletido na ênfase do líder fascista sobre a sua própria infatigabilidade, por meio da qual estabelece um exemplo para os seus seguidores. A infatigabilidade é uma expressão psicológica do totalitarismo. Nenhum descanso é dado, a menos que tudo esteja confiscado, agarrado, organizado. (Adorno, 1975, p. 23)

Estimulado a agir de acordo com o exemplo do líder, o seguidor passa a ter uma atividade hipnotizada e sem consciência lúcida. É uma atividade-fim e não uma atividade-meio, que atende, no entanto, à finalidade política de servir cegamente ao líder.

A última característica da auto-imagem de Thomas para os seus ouvintes era a de ser um *mensageiro* e não um *salvador*: um *pequeno grande homem*, tal como São João Batista. Hitler também utilizou este artifício ao se chamar de *tocador de tambor* da causa da Alemanha:

O agitador que deseja que os seus seguidores com ele se identifiquem se apresenta não apenas como superior, como o homem forte, mas simultaneamente como o oposto disto. Ele é tão fraco

quanto eles; ele é alguém que precisa de redenção mais do que aqueles que redime; em suma, é um filho sujeito à autoridade paternal, dele dependente e a serviço de algo muito superior a ele próprio. Essa entidade maior, no entanto, é a coletividade de todos ‘filhos’ reunidos em torno da organização fascista – uma coletividade cujo poder supostamente dá uma compensação psicológica para a fraqueza de cada um em particular. (Adorno, 1975, p. 27)

Thomas buscou pela retórica do pequeno grande homem, do tocador de tambor, criar uma totalidade com a sua audiência, quer se apresentando como um homem não superior aos demais, fraco como eles, quer se apresentando como homem forte na medida em que pretendia representar a própria coletividade poderosa dos ouvintes.

Ao pedir continuamente dinheiro para a sua audiência, ele se tornava imaginariamente tão carente quanto ela, tão humilhado pela sociedade quanto os pobre diabos que lhe davam suporte financeiro para pagar as contas de sua cruzada evangélica. Por outro lado, a sua sublimidade consistia em dar a eles, em troca, a força de uma coletividade reunida em torno de uma boa causa, para livrá-los das forças do mal e dos inimigos que rondavam as suas vidas.

Resumindo a atitude pessoal que Thomas pretende tomar: ele enfatiza o elemento pessoal, a semelhança entre ele e a audiência, como uma espécie de compensação emocional para a vida fria e alienada da maioria das pessoas e particularmente dos inúmeros indivíduos isolados das classes médias mais baixas. A imediatez e cordialidade de sua abordagem, fomentadas pelo rádio, o ajuda a dominá-los. O substituto para o seu isolamento e solidão não é a solidariedade, mas a obediência. Ele advoga formas obsoletas e quase-capitalistas de euforia humana contra as condições modernas de hoje, de maneira a prepará-las para a sua transformação em algo ainda mais “moderno”, o Estado totalitário de um líder só. O falso individualismo, pregado por Thomas, apenas fomenta a tendência para dispor do indivíduo de modo a incorporá-lo numa coletividade onde poderá se sentir protegido mas na qual não terá nada a dizer. (Adorno, 1975, p.37)

A estratégia de construir a sua auto-imagem para o público seguiu, consciente ou inconscientemente, os padrões da propaganda

fascista. O elemento pessoal foi parte importante na criação de uma disposição psicológica do destinatário para se identificar com o líder. Ao mesmo tempo, para a idealização de sua figura, pois a finalidade política era a de formar uma coalizão de forças obedientes à sua vontade – a comunidade do líder e adeptos – para combater os *out-groups*, nomeados como comunistas, esquerdistas, intelectuais antipatrióticos, etc. (Fenômenos deste tipo foram analisados por Freud, na obra *Psicologia de massas e análise do ego*, um pouco antes da irrupção do nazismo na Alemanha, o que vem a mostrar a força da psicanálise para compreender a emergência e a repetição de constituição de massas).

Um levantamento detalhado do método de Thomas para a manipulação de sua audiência, além do elemento pessoal e personalizado já analisado, revelou que o *como*, na verdade, era mais importante do que os conteúdos ou eventuais teses de suas elocuições. Isso quer dizer que a sua linguagem primou mais pelos aspectos psicológicos do que lógicos das asserções. De um ponto de vista meramente lógico ou objetivo elas poderiam ser consideradas absurdas ou pouco consistentes. Seria um engano supor, entretanto, que a falta de lógica de suas asserções fosse devida a uma falta de capacidade intelectual. Na verdade, essa falta de objetividade ou de lógica obedeceu ao primado do subjetivo sobre o objetivo: ele queria mobilizar a sua audiência, isto é, os temores, os rancores, os ressentimentos e os sentimentos de desamparo na vida social.

Essas características de um discurso calculado racionalmente para provocar efeitos irracionais são próprias da propaganda fascista e anti-semitica em qualquer parte do mundo. No caso de Thomas, esse planejamento ficou evidente pela comparação entre os discursos proferidos no rádio e aqueles esotericamente endereçados para o núcleo de seus seguidores no *Trinity Auditorium*. Os primeiros eram mais cuidadosos e menos anti-semiticos que os segundos, pois visavam atrair pessoas que poderiam ser incorporadas na sua organização. Ele seguiu a chamada *técnica oscilante (wave technique)* de Hitler, de modo a não sair da “estrita legalidade” em seus métodos e finalidades perante a audiência externa.

Adorno observou que a personalização do líder no fascismo significa que ele personifica o regime totalitário como um *Duce*, um *Führer*, etc., que concentra todo o poder e autoridade em si mesmo e diante do qual nenhuma objeção e desobediência são possíveis, a não ser como crimes contra o Estado. Por outro lado, no entanto a finalidade do próprio regime permanece vaga e obscura para aqueles que lhe prestam obediência, restando apenas a alternativa de sacrificar-se por ela e buscar os meios para atendê-la.

Os discursos de Thomas possuíam essa característica: o movimento de renovação que ele propunha não tinha nenhuma finalidade específica, como se fosse um fim em si mesmo:

Este ‘grande movimento’, a glorificação da ação, de algo acontecendo, tanto oblitera quanto substitui o propósito do movimento; Thomas se torna muito concreto, entretanto, apenas quando trata de assuntos da organização e de dinheiro, ou com os seus adversários e o perigo que eles supostamente representam, mas nunca com respeito a alguma idéia positiva. (Adorno, 1975, p.41-42)

Assim, ele solicitava que os ouvintes dessem as suas vidas pela causa de Deus como meio, e a finalidade seria apenas uma causa sem configuração concreta. O meio seria, também, a Cruzada Cristã Americana, o seu jornal, os panfletos, o dinheiro pedido por ele aos ouvintes, etc.

Por causa dessa falta de concretude quanto aos fins da sua “cruzada”, nenhuma real argumentação, exemplos e deduções se apresentavam nas suas elocuições. Ao contrário, a argumentação era substituída pelo artifício de nomear grupos, pessoas e raças como alvos de suas diatribes. Em última análise, Thomas se baseava em um cínico desprezo pela capacidade de pensar de sua audiência – um desprezo abertamente expresso por Hitler.

Outro truque presente nas elocuições de Thomas consistia na chamada adesão à última hora (*bandwagon*), para substituir a argumentação racional, que consistia em arrastar as pessoas para o seu movimento pela propaganda de que muitas outras já tinham prestado a sua adesão. Ele se referia às cartas que constantemente recebia como indicadores de que uma avalanche de pessoas estava se juntando à sua cruzada e que “dois milhões” de adeptos não poderiam estar errados nessa escolha. O texto subjacente era o de que uma causa já decidida (*fait accompli*) tornava qualquer indecisão ou resistência um empreendimento perigoso:

O efeito aterrorizador é aumentado pelo fato de que todo fascismo envolve *numerus clausus* e idéias de elite, de modo que aqueles que se atrasarem terão sérias razões para temer desvantagens quando o regime fascista estiver implantado. (Adorno, 1975, p.53)

Junto com o artifício do *bandwagon* Thomas advogava o seu movimento como um meio de promover a unificação da sociedade norte-americana, particularmente na política e na religião. No entanto, a unidade apregoada como meio de salvação da América nada mais era do que a unidade do seu próprio grupo em torno de uma única liderança – a de Thomas:

O artifício da “unidade” pode ser facilmente reconhecido como um artilho pela sua própria exclusividade. Quando Thomas fala sobre a unidade em altos termos, ele sempre pressupõe a existência de certos grupos, “aquelas forças do mal”: os comunistas, os radicais, os céticos e, sem dúvida, os judeus. Esses grupos são *a priori* isentados de tal unidade: eles simplesmente a ameaçam e devem ser afastados. Nem mesmo uma única palavra sugere a menor possibilidade de incluí-los nessa unidade espiritual, pela conversão ou qualquer outro meio. (Adorno, 1975, p. 59-60)

O artifício da unidade pela exclusão dos *out-groups* era, na verdade, um *ataque indireto* à democracia norte-americana representada pela administração progressista de F. D. Roosevelt. Ao mesmo tempo, a *defesa camuflada* de interesses totalitários – sobretudo porque a tradição democrática do país tornava impossível a defesa do totalitarismo à moda nazista.

A tradição democrática norte-americana, segundo a análise de Adorno, possui, de modo contraditório, elementos culturais antidemocráticos, o que propicia o perigo do fascismo de massas:

Tal perigo se aplica particularmente ao conceito de *maioria*, que não apenas reflete a democracia americana mas também é promovido pela quase universal abordagem estatística de qualquer problema social e pelas práticas de publicidade. Visto que numa democracia as decisões são tomadas numa base majoritária, a maioria como tal não é um valor moral mas um princípio formal de governo. Ela tende, no entanto, a ser hipostasiada neste país, mais como um fim em si mesmo do que como um meio. Assim certos traços da população que são devidos a processos socialmente não democráticos, e antidemocráticos em espírito, podem ser tomados e propagandeados como a última palavra em democracia, simplesmente porque são característicos da maioria. Esta

é uma das fraquezas que, às vezes, permitem ao fascismo mobilizar as massas em torno de objetivos repressivos contra os seus verdadeiros interesses. (Adorno, 1975, p. 62)

Os discursos de Thomas exaltavam essas “virtudes” e a pouca sofisticação do povo norte-americano (resultante de um processo social de má distribuição da cultura no país), sobretudo para atacar a população mais culta e intelectualizada – uma atitude zelosamente fomentada pela denúncia nazista do intelectual e pela bajulação ao povo não educado e excluído, de fato, do privilégio cultural. Grandes setores da população que foram excluídos desses privilégios preservam certos traços de rudeza e selvageria que podem ser liberados, em situações de crise, sob a incitação do discurso fascista.

Outra técnica de Thomas consistia em chamar a atenção para escândalos ou “sujeiras” da sociedade norte-americana, sobretudo aqueles que envolviam comunistas e grupos que eram alvos de ataques de suas elocuições radiofônicas – técnica esta amplamente utilizada pelo partido nazista para declarar a falência da República de Weimar. Thomas descrevia a si mesmo como uma vítima de estórias escandalosas; referia-se também a estórias sobre a suposta prostituição de mulheres na Rússia, sob o regime comunista. Essa técnica propagandística, aliada a outras, visava o efeito de aterrorizar os seus ouvintes:

As atrocidades comunistas a eles reveladas se tornam ameaças sobre o que lhes acontecerá amanhã. Aqui o duplo e quase contraditório caráter do artifício é descarado. O efeito superficial é que as pessoas reagem, organizando-se para combater o perigo ameaçador. O efeito inconsciente é que, sem rodeios, gozam com a descrição das atrocidades porque elas próprias desejam um dia cometê-las. O prazer na crueldade está intimamente relacionado ao prazer na sujeira. (Adorno, 1975, p. 71)

As estórias contadas para aterrorizar os ouvintes tinham um alvo definido: mostrar o iminente perigo comunista na América. Evocava, dessa maneira, as preocupações e medos das pessoas de pouca renda: a perda de suas propriedades e segurança. No entanto, a ameaça maior era a ameaça de destruição total do país ou do mundo: continha um elemento sádico, que também correspondia a um desejo masoquista das pessoas — *o desejo de aniquilação como um desejo de unificação*. O povo aterrorizado pode se

tornar incapaz de pensar com clareza e a reagir cegamente segundo o padrão “salve-se quem puder” — uma atitude favorável à adesão a um líder que promete pensar e agir por ele, desde que nele deposite a sua fé.

O catastrofismo de Thomas obedecia, portanto, a uma estratégia de propaganda: a da *última hora*. Consistia em afirmar, direta ou indiretamente, que a catástrofe era iminente, a situação desesperadora, que se tinha atingido o pico da crise e que alguma mudança deveria ser imediatamente feita. Essa técnica é utilizada até mesmo na publicidade de casas comerciais: “esta oferta vale apenas para poucos dias”. Além disso, tem suas raízes no elemento apocalíptico da religião cristã e na necessidade da batalha do Armageddon, ao qual Thomas constantemente se referia para designar as atividades de seu grupo. Dizia: “o comunismo não está vindo, ele já está aqui !” No entanto, a luta revolucionária contra o inimigo não era representada como uma possível alteração do *status quo*, mas sim como uma restauração de algo passado — uma revolução conservadora, a volta aos bons velhos tempos, a autoridade dos avós de nossos avós, etc.

Se a situação é desesperada, meios desesperados são necessários. A resposta ao “perigo iminente do comunismo” é a erradicação de comunistas, radicais e das “forças do mal”, isto é, o *pogrom*. A idéia de que alguma mudança deve ser feita, abstrata e ainda com muitas associações de violência e brutalidade, é a conseqüência necessária do artifício da ‘última hora’. A última hora que o fascista previne é realmente o *putsch* que ele deseja cometer. A ação punitiva substitui uma política racional por meio da qual as coisas possam melhorar. (Adorno, 1975, p.77)

Em suma, o conjunto das técnicas de Thomas era muito próximo do conjunto de técnicas usadas pelos nazistas para provocar psicológica e socialmente o comportamento regredido das massas. Uma parte delas era destinada à construção extremamente personalista e personalizada do líder, não só para causar proximidade mas também para trazer de volta o *pai das hordas primitivas*: temível e protetor. Outra parte das técnicas visava à construção de uma realidade social aterrorizante, ameaçadora e apocalíptica, diante da qual o único remédio era a adesão ao movimento e ao líder salvador. Por último, as técnicas para construir o próprio inimigo ameaçador, dar nome a ele. Nesse quadro de referência, a propaganda fascista de Thomas ganhava fortes conotações psicológicas, pondo a serviço de sua causa as motivações do medo, do ressentimento, do desejo de destruição, etc.

Se é verdade que Thomas não foi um Hitler, o objetivo de Adorno foi mostrar como as tendências fascistas podem se manifestar até mesmo por meio de invólucros religiosos, como uma cruzada anti-democrática em nome da salvação da democracia.

OUTROS ESTUDOS

Um estudo extensivo e profundo das técnicas dos agitadores fascistas norte-americanos, que pode servir de comparação quanto aos resultados alcançados pela análise qualitativa de Adorno sobre os discursos de Martin Luther Thomas, é o de Lowenthal e Guterman em *Prophets of Deceit* (1987). Este estudo, considerado um clássico da literatura política, analisou principalmente os panfletos e os livros de uma série de agitadores fascistas, do período anterior à Segunda Grande Guerra (anos 30) e durante ela (anos 40). Pelo menos 36 escritos foram analisados: os temas dos agitadores, a imagem autoconstruída (*self-portrait*) dos líderes e as imagens dos supostos inimigos da nação norte-americana. Em todas as análises os conceitos psicanalíticos estiveram presentes para dar conta da psicologia social de massas consubstanciada no material coletado. Os extremistas referidos eram, de modo geral, simpatizantes do fascismo, anti-semitas declarados, admiradores do nazismo, ao mesmo tempo em que detratavam alguns líderes nacionais (como o presidente F.D. Roosevelt).

A razão pela qual a psicanálise foi utilizada na análise dos textos dos agitadores foi assim justificada:

Quando analisamos esse material, descobrimos que o seu significado essencial – que atrai os seguidores – não pode ser atingido por meio dos métodos usuais de investigação lógica, porque ele é uma espécie de código Morse psicológico transmitido pelo agitador e apreendido pelos seguidores. É uma questão discutível, que ainda não tentamos aqui responder, saber quão consciente é o agitador do significado genuíno de sua mensagem; é um trabalho para outra investigação. Mas para o propósito de descobrir o significado intrínseco e os padrões recorrentes da agitação, a presença ou ausência de consciência do agitador é, em última análise, de importância secundária. De qualquer maneira, a distinção entre os conteúdos manifestos e latentes de um texto de agitadores deve ser considerada crucial.

Tomados em sua face valorativa, os textos dos agitadores parecem permitir-se fúrias fúteis sobre distúrbios vagos. Traduzidos em termos de equivalentes psicológicos, os textos dos agitadores são vistos como consistentes, dotados de significado, e significativamente relacionados como mundo social. (Lowenthal & Guterman, 1987, p. 152)

A quem os agitadores endereçavam as suas mensagens e quem eram os seus adeptos?

Por uma variedade de circunstâncias históricas, sociais e econômicas, o agitador americano não tem conseguido ganhar grandes massas de aderentes. Exceto nos primeiros anos do *New Deal* e naqueles que precederam *Pearl Harbor*, a audiência do agitador tem sido limitada a um núcleo duro de seguidores: velhos descontentes, maníacos, arruaceiros, desempregados e certos grupos indefinidos. Tais públicos são em geral identificados como lunáticos. (Lowenthal & Guterman, 1987, p. 149-150)

Definindo melhor essa faixa da população norte-americana atraída pelos líderes fascistas ou fascistóides, os autores dizem:

Este ouvinte não participa diretamente das áreas principais da produção social e é, por conseguinte, sempre temeroso de que, com um mau ajustamento social, o seu insignificante emprego desaparecerá e com ele, o seu *status* social ... Ele resmunga contra os burocratas, os judeus, os homens do Congresso, os plutocratas, os comunistas – ou qualquer estereótipo político que lhe sugira concentração de poder. Ele resmunga contra os estrangeiros que vêm ao seu país e obtém empregos. (Lowenthal & Guterman, 1987, p. 148-149)

Os líderes não almejavam certamente se limitar a este tipo de audiência, mas “os começos do fascismo europeu foram igualmente modestos e seus seguidores originais foram recrutados de estratos semelhantes da população” (Lowenthal & Guterman, 1987, p. 150). Numa situação de crise econômica, no entanto, a distinção entre não-empregáveis e desempregados tende a desaparecer, a classe média perde a sua segurança e a juventude, a confiança no futuro. A possibilidade de

emergência de uma situação crítica, por essa razão, aumentará também a possibilidade de grandes porções da população se tornarem suscetíveis à propaganda e à manipulação dos líderes fascistas – motivo pelo qual os agitadores prosseguem com suas operações de pequena escala junto aos descontentes e desajustados.

Além disso, essa propaganda tem efetividade, a despeito do seu caráter irracional, porque ela parte do descrédito de suas audiências nos meios democráticos para mudar o *status quo* social, ou seja:

As forças que ameaçam massacrá-los são irresistíveis, inexoráveis e incontroláveis pelos meios racionais. Opor-se a elas com os ideais democráticos parecerá pura loucura, uma espécie de quixotismo utópico. Por conseguinte, a melhor coisa a se fazer é se juntar a eles, se tornar um dos policiais, um dos exterminadores a serviço da destruição. (Lowenthal & Guterman, 1987, p. 151)

A descrença nos meios democráticos por parte dos segmentos excluídos dos benefícios sociais é que os torna predispostos a aceitar os meios violentos e radicais, o terror, o Estado policial. Nesse sentido, a *malaise* social é tanto a origem da agitação como o campo no qual floresce. O agitador é consciente disso e possui mais senso da história do que os seus críticos, que pensam que ele pode ser banido da história pela comprovação das inconsistências de suas teses. Ele leva vantagem por conhecer psicologicamente a ansiedade e os medos dos seus ouvintes – os *underdogs* — para os quais mostra os caminhos da violência imediata contra a *malaise* social, configurando os inimigos que devem atacar.

Faz parte de sua estratégia política construir a sua própria imagem: a de um homem como os outros a quem se dirige, mas infinitamente superior pela capacidade carismática em liderá-los — o *pequeno grande homem* —, suportando a pesada carga de sacrifícios pela sua tarefa. Obedece a um chamado interior, dá voz aos aflitos e não teme ser um João Batista para dar continuidade à obra do Divino Salvador. Ele alega continuamente que é ameaçado de morte pelos inimigos e conspiradores, embora nunca tenha sofrido atentado algum. Como um *inocente perseguido*, ele se considera um alvo e, ao mesmo tempo, um protetor das massas que não teme o infortúnio de ser morto pela sua causa. De modo diferente dos idealistas que sacrificam o seu conforto em prol de um propósito social nobre, o agitador *vem do povo* e se apresenta como alguém quase

indistinguível da grande massa de cidadãos norte-americanos. Não deixa de frisar nas entrelinhas, no entanto, que é um esposo modelo, um bom e solícito pai para os seus filhos, com problemas financeiros e de saúde, de modo a diminuir a distância e a criar familiaridade e intimidade com os seus ouvinte

Quando o agitador centra a atenção em si mesmo, na construção do *self-portrait*, ele o faz de modo que os seus ouvintes não percebam que não está efetivamente discutindo as questões públicas que lhes interessam, mas sim, as suas qualificações como líder:

Pelo fato de admitir as suas fraquezas enquanto enfatiza os seus poderes, ele quer dizer aos seus seguidores que eles também, em menor extensão, podem se tornar fortes, bastando que entreguem suas existências privadas ao movimento público. Eles precisam apenas seguir o caminho do pequeno grande homem. (Lowenthal & Guterman, 1987, p. 134)

Mas quem eram os inimigos? Onde se escondiam? Onde conspiravam? Como deviam ser enfrentados?

Eles eram apresentados como traidores, vilões, arruaceiros e assassinos. O inimigo não só era identificado com o submundo criminoso mas também como alguém que agia impunemente e sob a proteção política do país. Por conseguinte, o único meio de combatê-los seria o de tomar a lei nas próprias mãos:

O inimigo é um criminoso implacável e constitucionalmente inferior. Por ser anormal, deve ser isolado e removido. Ele é estrangeiro não apenas porque pertence a uma outra nação ou raça mas também porque é organicamente incapaz de se comportar de acordo com a norma ... Os inimigos são 'aqueles socialistas, comunistas ou radicais psicopatas que estão gritando contra o fascismo na América. Em toda a sua carreira, Adolf Hitler jamais se aproximou da insolência dessa minoria quanto ao número e densidade de suas mentiras, da natureza perversa de suas maldades'. (Lowenthal & Guterman, 1987, p. 63)

As metáforas animais, além da terminologia psiquiátrica para representar o inimigo, eram amplamente utilizadas: ratos roedores, répteis, insetos e germes. Os inimigos da América eram chamados, em geral,

de *formigas brancas* que devoravam os pilares da vida econômica, social, religiosa e política da América. A idéia de *germe* era também muito usada para mostrar não só a contaminação mas a necessidade de extermínio do inimigo.

Nos países ocupados pela Alemanha nazista os nativos recebiam um curso intensivo de estudo de figuras representando os judeus como pequenos animais repulsivos. Eles eram de tal maneira distorcidos nessas figuras que era preciso fazer um grande esforço de imaginação para descobrir a sua forma humana. Fazia parte da propaganda nazista desumanizar os inimigos, figurando-os como animais pequenos mas ameaçadores contra a vida da espécie humana.

A essas evocações do inimigo como um invasor de suas vidas os ouvintes experimentavam uma ameaça aterrorizante – a experiência clínica tem mostrado que a *parasitofobia* é tão masoquista quanto sádica, pois a sua base recalçada pode ser transformada em perseguição à ameaça externalizada, em destrutividade paranóica:

O inimigo é odiado com tal intensidade emocional que isso supera a própria paixão do ódio e se torna mais próxima da destrutividade paranóica. ‘A ameaça judaica chegou a tal ponto que ela só pode ser tratada internacionalmente do mesmo modo que o câncer, a malária e a lepra: com calma e sem derramamento de sangue’. (Lowenthal & Guterman, 1987, p. 68-69)

Quem eram, pois, os famigerados inimigos constantes das listas dos agitadores? Os judeus marxistas, os anglófilos, os banqueiros internacionais, os comentaristas de rádio, Hollywood, a Liga Anti-Difamação, a Liga Anti-Nazista, os Amigos da Democracia, os Rhodes Scholars, publicações como *Daily Worker*, *Chicago Sun*, *The New Masses*, *The Nation*, *The New Republic*, o Partido Comunista, as organizações sindicais CIO e AFL, o Federal Council of Churches, etc. (apud Lowenthal & Guterman, 1987, p. 70)

Os inimigos listados eram considerados membros de agências subversivas e, de modo geral, judeus – pois “ser um *judeu* é equivalente a pertencer a um grupo ou organização que o agitador considera pernicioso” (Lowenthal & Guterman, 1987, p.70). Em última análise, *conspiradores* que agiam sob a capa de siglas institucionais, jornais, revistas, rádios, agrupamentos políticos e filmes cinematográficos.

A propaganda anti-semítica se referia aos judeus sem chamá-los de judeus, mas sim pelos nomes judaicos, como por exemplo: “Sidney

Hillman, ou mais corretamente Schmucl Gilman; Karfunkelstein, vulgo Leon Blum; Meyer Genoch Moisevitch Wallach, algumas vezes conhecido como Maxim Litvinov ou Maximovitch”. (apud Lowenthal & Guterman, 1975, p. 88). A propaganda transformava, desse modo, um nome judaico numa espécie de estigma grudado ao seu portador. Ao invés de denotar um indivíduo, como os nomes não judaicos, ele servia de indicador de uma espécie, uma raça diferente dos outros humanos. Ou, até mesmo, para ser um nome-piada: “Walter Lipschitz Winchell – não estou brincando – é o seu nome”. (apud Lowenthal & Guterman, 1987, p. 89)

Configurado como inimigo público número 1 do povo norte-americano, o judeu representava, de modo contraditório, tanto a plutocracia do capital quanto a subversão comunista contra o capital. De um lado, ele era a imagem do poder econômico e político; de outro, o elemento que punha em perigo a política e a economia. O rico e o pobre, o gozador do fruto proibido e o invejoso desse gozo. Tal como na Alemanha de Hitler, o judeu era visto como banqueiro, como comunista e como banqueiro dos comunistas.

Esse amálgama concentrado de representações, sem qualquer compromisso com a verdade dos fatos consistia em dar ao alvo uma espécie de visibilidade ampliada, no qual os atiradores deveriam centrar o fogo de suas armas. A política fascista nunca escondeu o fato de que visou a aniquilação e o extermínio dos seus objetos de perseguição. Assim como a Alemanha nazista não pretendia “germanizar” os judeus na Alemanha, tampouco os agitadores norte-americanos pretendiam “integrar” os supostos inimigos na sociedade americana.

CONCLUSÕES

Os trabalhos de análise dos discursos, panfletos e elocuições no rádio, realizados por Adorno, Lowenthal e Guterman, tiveram o mérito de lançar luz sobre algumas questões e aspectos peculiares do fascismo norte-americano, tais como:

- mostrar a existência de tendências fascistas e fascistóides na democracia dos Estados Unidos, no período mencionado (30 – 40);
- mostrar que essas tendências estavam consubstanciadas em pequenos movimentos sociais que não eram alheios à incorporação de técnicas psicológicas da propaganda nazista na

Alemanha;

- mostrar que o veículo religioso de algumas seitas derivadas do luteranismo nos Estados Unidos era, muitas vezes, o meio principal de difusão de idéias totalitárias;
- mostrar que esses movimentos eram encabeçados por líderes que não pertenciam aos quadros partidários do país e não eram figuras proeminentes da política norte-americana;
- mostrar que se pretendiam revolucionários, mas não socialistas nem comunistas;
- mostrar que pretendiam alavancar a força dos descontentes e aliados dos benefícios sociais, contra a democracia e por meios não democráticos;
- mostrar que suas técnicas eram manipuladoras e se aproveitavam do descontentamento (medos, ressentimentos) de porções da população;
- mostrar que essas técnicas eram de ordem psicológica, remexendo profundamente com a psicologia das massas abandonadas à própria sorte;
- mostrar que os seus discursos tinham pouca objetividade e racionalidade, além de serem padronizados;
- mostrar que a análise de discursos com essas características deveria, por essa razão, ser também psicológica;
- mostrar que a análise psicológica desses discursos evidenciava a construção da auto-imagem do líder como pequeno grande homem, próximo às massas e infinitamente superior a elas;
- mostrar que a análise psicológica desses discursos evidenciava a construção da imagem do inimigo como “força do mal”, a ser erradicada pelo movimento;
- mostrar que “as forças do mal” eram nomeadas por grupos: judeus, comunistas, ateus, radicais de esquerda, plutocratas, etc.
- mostrar que os agitadores não eram agentes estrangeiros, nem estranhos às características da vida social e da cultura norte-americanas, mas representantes das tendências anti-democráticas subjacentes a essa vida social e a essa cultura.

Algumas observações críticas, no entanto, merecem ser feitas a essa literatura frankfurtiana:

- ela deu ênfase ao estudo de fascistas pouco expressivos no

cenário político do país, ou seja, os agitadores mencionados tiveram sempre pouca margem de ação;

- os períodos posteriores mostraram que os movimentos encabeçados por esses líderes não alcançaram um nível de ação política que dividisse o país e conduzisse os liderados aos *putschs* e *pogroms* da prática nazista;
- outros movimentos de caráter fascista, enraizados na história norte-americana, não receberam a atenção dos frankfurtianos, como o dos *Kluxers* contra os negros, do período pós-escravista ao movimento pela dessegregação racial nos anos 60; esses movimentos, no entanto, tiveram força suficiente para mobilizar o país inteiro e dividi-lo de norte a sul, por meio de verdadeiras guerras civis.

A ênfase dos frankfurtianos nos movimentos de pequeno porte se deveu, em primeiro lugar, à necessidade de desmascarar o seu caráter de inocência e, em segundo, à preocupação em dar evidência aos nichos de anti-semitismo e ao seu perigo potencial na sociedade norte-americana. Se os Estados Unidos da América do Norte não eram e não tinham as tradições antidemocráticas da Alemanha nazista, nem por isso estavam isentos de tendências subterrâneas ao fascismo. Os agitadores puseram isso a nu.

Resumindo : as análises empreendidas por Adorno, Lowenthal e Guterman mostraram a importância de uma *psicologia social de massas psicanaliticamente orientada* para o estudo de ideologias contemporâneas, das quais o fascismo é uma expressão paradigmática. De há muito tempo o discurso ideológico é um discurso manipulador que mobiliza o inconsciente das massas, não importando se as suas mentiras são manifestas ou camufladas. Caberá à psicanálise, mais uma vez, servir de arma para o esclarecimento.

IRAY CARONE é professora do Instituto de Psicologia da USP. É co-autora de *Psicologia social do racismo* (Vozes, 2002). Este artigo é resultado de pesquisa financiada pela Universidade Paulista - UNIP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Th. W. & alii (1950) *The Authoritarian Personality – Studies on Prejudice*. New York, Harper & Brothers.
- ADORNO, Th. W. (1975) “The Psychological Techniques of Martin Luther Thomas”. *Soziologische Schriften II*. Frankfurt, Surkhamp Verlag .
- ADORNO, Th. W. (1982) “Freudian Theory and the Pattern of Fascist Propaganda”. *The Essential Frankfurt School Reader*. New York, Continuum.
- LOWENTHAL, L. & Guterman, N. (1987) “Prophets of Deceit: a Study of the Techniques of the American Agitator”. *False Prophets – studies on authoritarianism*. New Jersey, Transaction Books.